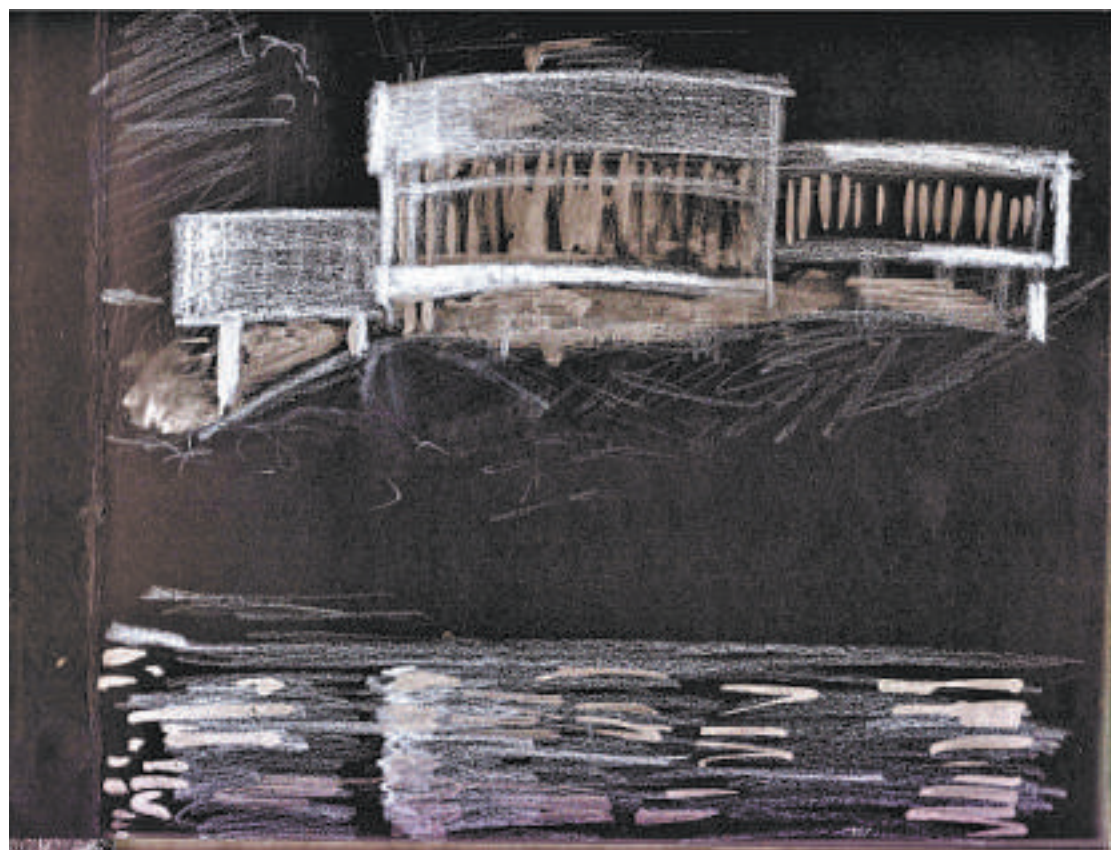


PONTO DE FUGA



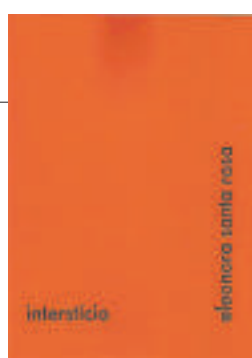
Eri Gomes

Nascido em Belo Horizonte, em 1963, estudou gravura na Oficina Goeldi. Trabalha com pintura, cenografia e ilustração desde a década de 1980, além de ministrar cursos de arte e pintura. Recebeu vários prêmios, entre eles o prêmio do júri popular no 1º Salão de Artes Visuais da Fundação Clóvis Salgado (BH, 1984). Realizou diversas exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior, com destaque para *Utopias contemporâneas* (Palácio das Artes, BH, 1992); *A cena aberta* (Galeria Gesto Gráfico, BH, 2003); D&H Gallery (Nova York, 2005). Realizou cenografia para várias peças, show e filmes, entre os quais *O elixir do pajé*, de Helvécio Ratton (1989); *Lusco-fusco ou tudo muito romântico*, direção de Eid Ribeiro (2001). Atua como professor,



RESENHA

INTERSTÍCIO ●
De Eleonora Santa Rosa ●
SR Bureau Cultural ●
136 páginas ●
R\$ 50 ●



Estar entre

A jornalista Eleonora Santa Rosa reúne 36 crônicas recentes em *Interstício*, em que aborda fatos e sensações a respeito da contemporaneidade fluida

Santa Rosa entrega para o leitor uma escrita de ousadia, que não teme perfurar o óbvio para alcançar o osso, que oscila entre a visão da pós-modernidade (com suas tecnologias) e a certeza da volta à barbárie histórica

THAIS GUIMARÃES*

Interstício pode ser um intervalo, um hiato, uma fenda, um espaço entre as partes de um corpo, uma lacuna, uma abertura, uma passagem, o estar “entre” ou em suspenso, em compasso de espera ou em processo de mudança. A partir da etimologia dessa palavra, instigante, que dá título ao livro de 36 crônicas de Eleonora Santa Rosa – *Interstício* (BH, SR Bureau Cultural, 2017) –, jornalista e produtora cultural, somos convidados a estar dentro, a ocupar lugar em seu percurso textual que desenha um mapa de ideias com uma visão aguçadíssima dos temas escolhidos.

Com inspiração em fatos, acontecimentos, pessoas e percepções particulares da contemporaneidade, as crônicas, às vezes poemas em prosa, com uma

abordagem atemporal, nos colocam no centro de reflexões éticas, tecidas de forma poética. São textos críticos, políticos, cáusticos, dialógicos, com um ritmo próprio de escrita, que atravessam várias temáticas, sem abrir mão de privilegiar a cultura como ponto de olhar, até mesmo por ser essa a matéria de trabalho da autora por mais de 30 anos.

Interstício traz um conjunto de pensamento sobre o nosso tempo, com a marca de quem capta o entorno com antenas afiadas, como escreveria Octávio Paz. Com estilo cortante, as crônicas de Santa Rosa são como pinças nevrálgicas, certeiras, que apontam, numa perspectiva baumaniana, retratos da diluição, da fragmentação e da falta de lugar em um mundo de incertezas, traduzido pelo sentimento de “estar entre”.

Santa Rosa entrega para o leitor uma

escrita de ousadia, que não teme perfurar o óbvio para alcançar o osso, que oscila entre a visão da pós-modernidade (com suas tecnologias) e a certeza da volta à barbárie histórica. Nesse sentido, uma escrita que provoca e impacta, muitas vezes, com a violência de um soco na boca do estômago. Sem concessões, mas que, ao mesmo tempo, opera no caminho da delicadeza, valorizando a gratidão, entre reverências a legados vários de poetas, músicos e artistas afins.

Assim: *Interstício*, crônicas de vida anunciada. Vida que reafirma a fé, com pedidos de proteção para todos nós seres de um tempo selvagem – não obstante, a luta contra as “feras ferozes” da injustiça e da maldade ou contra as “bestas-feras” de um mundo apocalíptico.

Assim: “Interstício” exatamente, o estar “entre”, que pode significar se manter a

salvo, num movimento positivo entre passado e presente, entre espaço e tempo, entre poro e pele, entre pele e nervos, entre nervos e entranhas. Por isso mesmo, esse é um livro que traz fôlegos extras, de resistência e de potência, de alento e de crença na transformação humana. Tal vigor se revela como um enunciado, antes mesmo da leitura dos textos, pela cor “laranja” da capa, realizada em tipografia por Guilherme Mansur, que estabelece um pacto metafórico com o leitor, juntamente com Santa Rosa, e o prepara para o encontro com um livro de crônicas corajosas, com conteúdo forte, poético e, sobretudo, vital.



Thais Guimarães é poeta, autora de Jogo de cintura, Bom dia Ana Maria e Jogo de facas, entre outros.